

PBr03

A	Características do entrevistado
A1- Qual a sua formação de ensino?	<p>Sou bibliotecária com mestrado na área de Ciência da Informação e também sou especialista em Gestão Cultural.</p>
A2- Quanto tempo trabalha nas ações de promoção à leitura promovidas pelo PNL ou PNLL?	<p>Com leitura mesmo desde 1987. Acompanhando o PNLL desde o nascimento dele, mas assim desde de 1987 que eu trabalho com essas ações de leitura, antes de fazer Biblioteconomia eu entrei na Letras e com isso eu já comecei a fazer minhas primeiras experiências com bibliotecas no interior do Mato Grosso, lá no norte do Mato Grosso. Então minhas primeiras experiências foram em 87 e nunca mais sai dessa área.</p>
A3- Como avalia a atual contextualização do programa PNL ou PNLL?	<p>No momento eu acho que assim, o PNLL no momento ele não está acontecendo. Eu acho que no momento o PNLL ele perdeu o rumo, ele não está sendo acompanhado, ele não está sendo implementado, ele não está sendo discutido em nenhum lugar, isso eu acompanho com lupa. Então assim, porque eu acho assim que criou-se uma expectativa em relação ao PNLL de se criar os planos estaduais de livro-leitura e em seguida os planos municipais de livro-leitura e que poderiam inclusive acontecer concomitantemente, porém no momento essas ações estão paradas, na verdade elas estão paradas a muito tempo. Acho que parou de se discutir o PNLL em 2013, havia uma gestão em 2012 que estava tentando fazer algumas coisas. Teve um “bum” do PNLL desde seu nascimento até 2012 e aí em seguida houve uma mudança nas políticas de livro-leitura de Brasília para o Rio de Janeiro (em 2012) e depois em 2013 de trazer as políticas do Rio de Janeiro para Brasília de volta e aí perderam o rumo tanto na ida quanto na volta e até agora o PNLL pra quem tá aqui na fora, na sociedade, tentando descobrir o que está acontecendo no PNLL, pegando a lupinha e tentando descobrir alguma ação, no momento não tem ação ocorrendo do PNLL. O discurso governamental é de que estão tentando transformar o PNLL numa política pública, esse é o discurso, mas assim, mas enquanto se transforma em política pública várias ações poderiam estar ocorrendo, por exemplo: mobilização de prefeituras, mobilização de governos, mobilização das classes envolvidas no plano (bibliotecários, mediadores, professores) – Isso poderia estar acontecendo e não está acontecendo nada. E aí teria que ver com os personagens do PNLL, os protagonistas, as pessoas que estão cuidando do PNLL porque não está acontecendo nada. Mas o fato é que aqui na sociedade a gente não está vendo essa ação ocorrer.</p>
A4- A oferta de ações do PNL ou PNLL atende as expectativas dos seus beneficiários?	<p>Não. Não atende porque o beneficiário final é o povo e os índices de leitura estão precários, estão caindo, então não há beneficiários com o plano mais, não tem. O que poderia ser, você pode falar assim, o município é um beneficiário? Então vai ver se melhoraram as bibliotecas, melhorou a oferta de formação de leitores, ou de mediadores. Não. Então infelizmente houve uma expectativa em relação ao plano mas não houve beneficiários. Quem poderia ser beneficiário? Talvez um ou outro município conseguiu fazer convênio, aí você pode buscar no portal da transparência das ações de liberação de recursos do governo você vai ver que poucos...Então o estado do Ceará, por exemplo recebeu algum dinheiro para trabalhar o PNLL, mas também tem uma explicação, a explicação é porque o diretor de livro-leitura até o ano passado era do estado do Ceará, então ele conseguiu articular um recurso e conseguiu mandar pra lá, mas lá também não está acontecendo, então não tem oferta, não tem beneficiário.</p>

A5- Têm observado as transformações ocorridas na vida dos usuários do programa PNL ou PNLL, quais?

Não. Porque exatamente os eixos do PNLL ele previa sim a democratização do acesso ao livro, novas oportunidades de formação, aí a gente teria né? Nós poderíamos ter novos leitores, baixo custo de livro, mais bibliotecas, mais pontes de leitura. Houve uma expectativa e houve uma tentativa sim, essas coisas começaram a ocorrer no país só que elas tiveram um retrocesso muito grande e aí, quando eu falo assim, antes um pouco de 2012 isso já estava se tentando mais ninguém estava conseguindo fazer nada, porque a própria forma como foi escolhido atuar com o PNLL que é fazer convênio, repassar recurso e tal, eu acho que esse método falhou, não se consegue democratizar e cumprir os eixos do PNLL só passando recurso. Você tem que trabalhar com mobilização, criar uma onda de livro-leitura no país, criar uma moda de que ler é legal, de que ler é bom, você tem que fazer muitas outras coisas, tem que sensibilizar gestor público, tem que sensibilizar vereadores, deputados...Então no momento, nós não conseguimos alterar a vida, o Brasil, eu digo nós enquanto Brasil, nós não conseguimos atuar, melhorar a vida de ninguém. Eu poderia te dar aspectos pontuais, um agente leitura fez um trabalho com uma senhorinha lá que voltou a estudar e tal, é um casinho aqui outro ali. Mas não tem beneficiário coletivo, o que é uma pena porque nós temos que trabalhar com a coletividade, nós temos um país imenso, com muita expectativa, eu acho que o povo gosta muito de ler, todo mundo descobre ali o acesso ao livro uma leitura que interessa a ele, ele começa a ler e não para mais.

B Evidenciar as ações dos PNL ou PNLL

B1- Que principal motivo o (a) atraiu para o programa PNL ou PNLL?

Eu fui convidada a integrar, a pensar o PNLL em 2004 quando se começou a trabalhar essa conversa, até em 2003 já começou um movimento aí pelo Galeno Amorim, que ele... eu não sei assim de onde ele tirou a ideia de trabalhar um plano, na verdade todo governo deve ter um plano, mas aí o candidato ainda tem que ter um plano, mas ainda não havia um plano de livro-leitura para o país, daí ele provavelmente pescou isso aí em alguma oportunidade internacional e trouxe pro Brasil, aí teria que ver com ele. Mas aí o Galeno Amorim, começou, buscou, fez um trabalho de formiguinha coletando dentro dos ministérios quem atuava com livro-leitura, então ele começou do zero, sozinho, a descobrir quem mexia com livro-leitura e foi convidando essas pessoas, dentre essas pessoas eu era uma delas porque eu estava iniciando em 2003 um programa de bibliotecas rurais Arca das Letras que é um programa para área rural, assentamentos, quilombolas, ribeirinhos, indígenas, então o público que eu trabalhava era um público de muita exclusão na área de livro-leitura e aí o Galeno me chamou, mas ele chamou a mim e várias outras pessoas, por exemplo: o ministério do Meio Ambiente participou com o projeto Sala Verde; o ministério da Educação. Então, todo lugar que mexia com livro-leitura, o Galeno foi tentando descobrir ou alguém soprava pra ele daí ele chamava pra reunir e aí nós começamos a reunir, inclusive o início dessas conversas eram feitas até lá no Palácio do Planalto, ele conseguiu uma salinha lá no Fome Zero e ele criou um projeto chamado Fome de Livro e aí a gente reunia lá pra discutir o plano e aí o grupo foi se ampliando, dos gabinetes de Brasília, os gabinetes do ministério, depois dali ele foi coletando, ele tinha uma capacidade muito boa de ouvir, o Galeno tem uma capacidade muito peculiar de ouvir as pessoas, então ele nos ouvia bastante e foi estruturando e construiu o plano a partir dessas consultas que ele fez a especialistas, a pessoas que entendiam, a pessoas que faziam campanhas de doação de livros, outros que implantaram bibliotecas, outros que eram professor...Ele ouviu muito, muito e daí ele foi construindo provavelmente baseado em alguma metodologia que ele viu em algum país, mas ele fez esse trabalho de formiguinha e foi ampliando para a sociedade e eu fui atraída nisso, eu fui chamada a

compor os grupos que falavam das suas experiências e aí como uma pessoa preocupada com essa área, eu já vinha também trabalhando com política pública para a área, eu passei a compor e a discutir o plano.

B2- Quais suas atribuições nas ações do PNL ou PNLL?

As minhas atribuições era falar justamente do público que eu atuava, como que poderia chegar até o meu público, que seria muito no eixo da democratização do acesso. A minha atribuição era dizer qual era o comportamento do meu público, o que que ele precisava, o público que eu atuava era o público do campo e aí eu trouxe muito isso, minha atribuição era dizer da minha área rural. E eu fazia na época muita campanha de arrecadação de livros e o povo não gostava disso, a turma que é mais ligada a mercado, o próprio Galeno é ligado a mercado, o Castilho chegou bem depois no PNLL ele também é ligado a mercado e tal. Então assim, eu trabalhava muito com doação de livros e lá eu defendia um pouco, eu sei que vinha muita coisa ruim mas também muita coisa boa (rsrs) né? Eu lembro que eu tocava muito nesse aspecto, mas minha atribuição era falar o comportamento do meu público, a necessidade do meu público no campo.

B3- De que forma tens trabalhado diante das dificuldades cotidianas que surgem no desenvolvimento do programa PNL ou PNLL?

Olha, hoje, na verdade o meu trabalho e de todo mundo que mexe com livro-leitura, a gente não se inspira no plano, a gente trabalha pelas nossas próprias convicções e pelas nossas crenças de como isso pode funcionar. Nós não buscamos o plano pra nos inspirar mais, porque não tem uma voz hoje do plano, não tem ninguém aglutinando as pessoas para o plano, ao contrário do que houve lá no passado quando o Galeno ficava chamando toda hora a gente pra beber dessas fontes diversas, hoje você não tem quem faça isso. Hoje, assim, o meu trabalho com livro-leitura, eu nem penso no PNLL quando estou executando mas eu sei que cada ação minha contribui para alguma coisa pro plano, só que ninguém está mapeando isso, ninguém está avaliando, então a minha contribuição em relação ao plano, eu sei do que do ponto de vista prático eu contribuo com cada coisa que eu faço com livro-leitura, mas ninguém está monitorando, o plano hoje está sem monitoramento.

B4- No seu entender, quais os avanços e retrocessos sofridos por parte do programa PNL ou PNLL, neste período em que atua?

O avanço foi que se começou a se falar em um plano, nós precisamos de um plano pra seguir, uma política em que todo mundo vá trabalhar, esse seria um avanço, é você chegar, alguns municípios fizeram, pouquíssimos municípios e pouquíssimos estados discutiram mas fizeram essa discussão. O plano ele é parte do plano nacional de cultura, o plano nacional de cultura continua aí sendo discutido no Brasil inteiro, isso facilita, porque ao se falar num plano nacional de cultura você tem eixos dentro desse plano nacional de cultura que tratam do livro e da leitura, o bom é que o plano nacional de cultura exige que municípios e estados pense todos aqueles eixos do plano nacional de cultura e dentro dele está o plano de livro-leitura. Então o avanço é que o Brasil começa a discutir isso já a algum tempo né? Não começou agora, mas começou desde que nasceu o plano nacional de livro-leitura, as suas bases, suas conversas, tudo isso chama atenção. O ministro Juca Ferreira, por exemplo, na primeira gestão dele, ele disse o seguinte: que ele só liberaria recurso para os municípios, recurso do fundo nacional de cultura, para os municípios que tivessem biblioteca. Então assim, isso ele vai ao plano, vê o eixo de democratização do acesso e ele vincula isso a liberação de recursos ao município. Então, o avanço do PNLL é isso, é criar uma discussão em torno do que é possível fazer pro livro-leitura, porque as pessoas começam a ter que justificar: ah vou receber recurso porquê? Porque eu pretendo implantar uma biblioteca, eu pretendo fazer uma mediação de leitura. Então naquele momento e recente o ministro falou

novamente que ia retomar isso, você usa o plano pra colocar no discurso do município, e do estado, ações de livro-leitura em bibliotecas, esse é o avanço do plano, é colocar no discurso de parlamentares e executivos, o assunto do livro-leitura. O retrocesso do plano é que ele veio da conversa, subiu o interesse e agora baixou, porque do ponto de vista governamental, o governo não está estimulando mais essa discussão, tem município que pensa que o PNLL pode existir mas ele não está mais existindo, existe algum papel aí transitando mas não existe mais a conversa, não existe mais o debate sobre o assunto, esse é um retrocesso e é perigoso, porque o próprio governo que, esse próprio grupo que pensou o plano é o mesmo grupo que parou o plano, então estamos vivendo um momento no Brasil em que provavelmente a presidente da república vai sair e não vai ter nada que fale assim: vamos continuar! Porque o negócio parou no próprio governo dela, então nós vamos ter que fazer uma nova discussão na sociedade para inventar o PNLL novamente ou pedi que se retome uma história que parou no início de 2013, parou essa discussão, mudou o grupo, assumiu um novo grupo, eu não sei o que que houve, mas ele não continuou, então no momento o retrocesso é esse, parar uma discussão que vinha crescendo.

B5 - Como se dá a adesão dos participantes das atividades?

No caso assim, várias pessoas, vários bibliotecários ou mesmo gestores quando ele quer fazer uma ação no município, ou no seu estado, ele já justifica assim: vou cumprir os eixos do PNLL, então ele se reporta ao PNLL para dizer pro superior hierárquico que ele está fazendo aquilo porque o PNLL dispõe sobre aquilo, isso aí é a contribuição assim que o plano dá, mas assim não tem nenhum... a adesão ele teria que fazer o seguinte: organizar, porque a ideia do plano é muito boa, ele mobiliza as pessoas do lugar, dá pra se criar uma lei, um plano local que vira lei e garante recurso e tal. A adesão seria assim, criar seus planos, ao criar um plano municipal ou estadual você já faz adesão ao plano nacional.

B6- Como são elaboradas as ações de promoção à leitura?

B7-A instituição conta com parceiros para o desenvolvimento das ações?

O plano prevê muitos parceiros, como ele está em stand by, ta meio parádo, ele está sem parceiro, hoje eu vejo o PNLL com o olhar de quem tá aqui fora olhando a sociedade também para os ministérios, eu não to vendo o plano se articular com os ministérios que trabalham com livro-leitura, do ponto vista prático mesmo. Em dezembro do ano passado o ministério da cultura até tentou retomar esse assunto, ele fez um seminário chamado Território Leitor, aí ele chamou alguns ministérios pra mesa, pra falar, tentou essa integração, mas nós estamos num momento aí de ver se essa tentativa vai render algum fruto, eles tentaram em dezembro fazer esse evento Território Leitor, só que isso era no final do ano e tal e nós estamos em abril, o Território Leitor ainda não produziu resultados, então assim, o PNLL tentou ali se organizar, retomar parcerias, no momento eu vejo que eles são parceiros mais da OEI (Organização dos Estados Ibero-Americanos) para quem eles repassam alguns recursos, eu acho que a parceria deles hoje é a OEI que é ligado a Unesco, daí eu não sei o que que vai render aí, eles estão fazendo o prêmio Viva a Leitura, já é um prêmio que já acontecia, mas do ponto de vista prático o que a gente está vendo é só o prêmio Viva a Leitura que seleciona algumas iniciativas e no final dessas iniciativas ele seleciona prêmio com quem atua como biblioteca, como escola, com comunidade, etc e passa um dinheirinho.

B8- Quais as maiores dificuldades para o desenvolvimento das ações do PNL ou PNLL?

Acho que as dificuldades... O PNLL precisa realmente criar um movimento em prol da leitura, não só da produção do livro, porque o Brasil é um dos maiores compradores de livro do mundo, no entanto nós temos os piores índices de leitura, a conta não tá batendo, você compra bastante

livro mas você não produz resultado com essa quantidade de livros, então é preciso que vença essa dificuldade, que barreira que está acontecendo? Compram muito livro mas não estão investindo na formação de mediadores de leitura, na formação do professor como uma pessoa que trabalha com a leitura, então por incrível que pareça, teve uma época que a gente lia mais, professor exigia que a gente tinha que ler os clássicos da literatura, achando bom ou ruim você lia os clássicos e depois a gente descobria que foi muito bom a gente ter lido, então qualquer estudante de ensino médio já tinha lido bastante, hoje não. E outra dificuldade é que você tem que pensar na modernidade, muita disponibilidade de informação na internet, as pessoas estão conectadas o tempo inteiro na internet, no whatsapp, mas os livros estão aí, o Brasil continua vendendo bastante livro, saiu uma pesquisa ai agora de que o mercado de livro foi muito promissor, em plena crise o Brasil vendeu bastante obra de arte e bastante livros, então a dificuldade do PNLL é alcançar essas pessoas pra ler esses livros.

C | **O processo dialógico com a comunidade**

C1- Como enxerga a participação de agentes públicos como multiplicadores e transformadores do conhecimento?

Os agentes públicos precisam levar mais a sério a necessidade da população ler, porque me parece que não é interessante, isso várias pessoas falam e eu tenho a constatação, parece que não é interessante aos agentes públicos que a população tenha autonomia, que ela estude mais, que ela leia mais, então é preciso que os agentes públicos assumam compromissos, que ao se montar equipes de governo, os prefeitos, os governadores, pensem também que tem compromisso, que conheça o povo, está faltando muito agente público conhecer o público com quem ele lida, não apenas ele cumprir a tarefa burocrática, eu vejo que os agentes públicos se preocupam muito com a tarefa burocrática, produzir documentos, produzir papéis, mas esses papéis muitas vezes não saem do gabinete, ele não se transforma num benefício social. Porque? O agente público também, coitado, ele é fiscalizado muito pelos órgãos, ainda bem, mas só que o seguinte, ele fica só fazendo relatório, várias vezes eu já encontrei agentes públicos no meu caminho de pessoa que implantou, eu implantei mais de dez mil bibliotecas no Brasil, bibliotecas comunitárias e às vezes algum parceirinho meu de município, ou de algum outro órgão governamental, enquanto eu estava conversando com o povo ele estava só anotando porque ele tinha que fazer relatório para prestar conta da viagem que ele acabou de fazer, ou seja, ele já foi pra viagem pra fazer o relatório e não pra conversar com o povo, então o agente público precisa se sensibilizar mais com a causa que ele trabalha ou seja, ele tem a plena convicção e consciência de que ele trabalha pra aquele público, ele é um funcionário do sujeito que ele tá falando que é o povo, ele tem que assumir essa... a gente tem que criar essa onda, sabe? Quando você... eu que já fui muito assim, nesse trabalho de base, a gente chega numa comunidade e a comunidade fica assim: “olha, muito obrigada que você veio aqui”, mas nós estamos lá fazendo nossa obrigação, quando eu faço uma ação de livro-leitura, um evento, uma festa numa comunidade, eu to cumprindo uma obrigação, meu dever como agente público, então nós precisamos parar de achar que o povo tá ali só pra receber, não sei que... Ele tem que participar, ele tem que trabalhar junto. O desafio hoje do agente público é trabalhar e ouvir, é ser um mediador entre o que o povo quer e o recurso que existe. Nós temos muitos recursos orçamentários, o Brasil não falta recurso, dinheiro tem bastante, se você for analisar o orçamento dos estados, municípios e do próprio ministério da cultura você vai ver que se devolve muito recurso pro caixa do ano que vem e no ano que vem você não usou esse recurso esse ano, aquele recurso ele vai pra outra coisa, ele vai pra uma obra. Então a gente tem que assumir um papel de agente público mais perto do povo, conversar mais, ouvir mais o que o povo tem a dizer e aí transformar aquilo que o povo tá fazendo num projeto

que vai voltar pra ele, então eu acho que a dificuldade do agente público é de fato ouvir e trabalhar para o público. Aí ele vai gerar novos conhecimentos, criar condições de acesso... não adianta você levar uma biblioteca pra uma comunidade que ela não discutiu aquele acervo, não discutiu onde é que vai ficar aquela biblioteca. Enquanto a gente levar tudo pronto pro povo vai voltar sem resposta.

C2- Acredita que o programa PNL ou PNLL funciona ou possa ser considerado como uma ferramenta de inclusão social?

O plano em si, o conceito do plano ele é bem interessante, se ele for levado a sério, for implementado eu creio que sim, ele pode se transformar numa importante ferramenta social porque ele prevê participação popular, então o plano ele precisa ser executado, não podemos pegar todo o esforço que foi feito e, enfim, se gastou muito recurso pra chegar aquela coisa escrita, tudo que está escrito ali houve muitas reuniões, se gastaram recurso com viagens, os chefes do plano - coordenadores, secretário executivo, consultores, se gastou com isso, às vezes fala “ah não se gastou”, gastou porque o ministério da cultura, inclusive, contrata consultores da Unesco, ele repassa recurso pra Unesco pra Unesco contratar gente pra trabalhar no plano, então nós precisamos pegar o plano e transformar numa prática, agora ele conceitualmente eu creio que ele tá bom, eu gosto do texto do PNLL, acho ele democrático, inclusivo, ele é muito bom, agora ele tem que ir pra rua.

C3- Qual a participação da comunidade em geral frente às ações aplicadas e desenvolvidas pelo programa PNL ou PNLL?

Bem, a população que vai receber, o maior beneficiário, ele está participando pouco, mas o plano prevê essa participação. Então assim, tudo se resume a uma situação, o plano no momento não está em execução, se ele estivesse em execução ele estaria produzindo essa participação porque o plano diz que tem que participação. E o povo gosta de participar, seria muito bonito você chegar num município, reunir a pessoa que cuida da biblioteca da escola, a pessoa que cuida da biblioteca pública, mais os agentes de leitura das bibliotecas rurais, mais os professores e mais os beneficiários, que são os estudantes, as doninha de casa, a doninha recatada, bela e do lar (rsrs), todo mundo que vive, todo mundo que precisa de livros, todos, desde o pequenininho até a senhora que não estudou e que não sabe ler, todos gostam e tem o apresso pelo livro. Então é chamar essas pessoas para conversar, quando se chama a população vem.

C4- Na função que exerce no programa PNL ou PNLL, têm dialogado com as comunidades, em nível de apresentação e desenvolvimento das atividades, sim ou não, se sim, quais?

Sempre eu trabalho com consulta comunitária, tudo. Eu não consigo trabalhar com a comunidade sem conhecer o que que ela espera, então todo o meu trabalho, seja implantando bibliotecas, seja, como agora que eu to coordenando a realização da trigésima segunda feira do livro de Brasília, eu também cuido de um movimento social que é o Grito do Livro: viva a leitura, que é um movimento de denúncia, é um movimento de identificar oportunidades de leitura e de mobilização das pessoas para implantação de bibliotecas, então esse é o movimento, então ele inteiro a gente trabalha com isso, agora eu não estou fazendo nada para cumprir metas do plano, porque o plano do livro-leitura ninguém está falando “olha vamos trabalhar essas metas?”. O que eu vejo: está faltando monitoramento do plano, tá faltando execução do plano. Então, eu trabalho, assim como outros bibliotecários, e outras pessoas da sociedade em suas próprias atribuições do dia a dia, das suas convicções mas não pensando mais no PNLL, porque infelizmente o “bum” do PNLL passou, o que nós precisamos agora é fazer um movimento para fazê-lo ativo novamente. Ou inventar uma outra coisa.

C5- Acreditas que o PNL ou PNLL enquanto políticas públicas alcança a finalidade para a qual

foi criada?

Na prática não, porque os índices de leitura estão caindo, então ele não está alcançando, mas o conceito e a ideia do plano é muito boa.

D | **Questões relativas a realidade social vinculada a instituição de trabalho**

D1- Sabe informar quais as principais demandas, no campo da leitura, apresentadas pelas comunidades em que atua como representante do programa PNL ou PNLL?

As comunidades elas gostam de livros, as pessoas querem ter livros, sempre que eu visitei comunidades para discutir implantação das bibliotecas, as comunidades sempre trouxeram propostas e sugestões, quando eu implanto bibliotecas nas minhas atividades eu consulto, tem um formulário de consulta comunitária que eu vou te passar, que eu pergunto, tem várias questões que levanto pra traçar o perfil da comunidade, mas tem dois aspectos que eu acho muito importante, um é: a gente descobre as necessidades de leitura e os interesses, são duas coisas distintas, ele pode gostar de um romance, ou de novela, ou de poesia, mas ele necessita de quê, de uma cartilha que ensina a produzir, a criar galinha, ele necessita de um livro pra concurso ou necessita de informação pra discutir gênero na comunidade, então assim, são dois aspectos que eu acho assim, essas consultas me inspiram, aliás elas me dão um norte pro meu trabalho, porque aí eu volto pro meu local de trabalho e vou organizar acervos de acordo com a necessidade e com o interesse que a comunidade apontou e também para o perfil dela, que é fundamental. De repente você tem uma comunidade que ela tem estudantes do ensino médio e do ensino fundamental, mas você tem um cara lá que faz pedagogia, ele não me falou que quer livro de pedagogia, mas pelo perfil da comunidade eu vejo que eu preciso colocar uns livros de ajuda pra ele ali consegui fazer o curso de pedagogia, isso faz com que a comunidade acredite no seu trabalho, então ela vai dar valor a biblioteca que chegou, que aquela biblioteca ele vai encontrar o livrinho para criar a galinha dele e eu to falando da galinha porque no sertão do Apodi, no Rio Grande do Norte, o maior produtor de galinha do Apodi é um leitor de uma biblioteca rural, porque ele achou lá a cartilhinha do Sebrae que dava o passo a passo pra criar um assunto nesse sentido. Foi muito legal, então quando você trabalha com livro-leitura conhecendo o interesse e necessidade você consegue avançar e aí você alcança o objetivo fim do PNLL, incentivar a leitura, criar o hábito da leitura, botar o livro e a leitura no cotidiano das pessoas.

D2- Existe alguma distinção envolvendo o propósito do programa PNL ou PNLL e da política educacional e a comunidade, em nível de critérios, indicadores e padrões na avaliação?

O propósito do PNLL ele aponta para a política educacional, o plano ele pensa assim que ao ser implementado ele vai contribuir também para melhorar o índice educacional né, então existe essa preocupação, porém, coletar esses indicadores, o plano não tem feito isso, monitorar, porque tá faltando monitoramento e pesquisas nesse sentido. Eu vi já o ministro Juca dizendo que precisa disso. É muito importante até você resgatar alguma gravação do que o ministro falou no Território Leitor, porque eu achei a melhor fala de todos foi do ministro Juca, porque ele tem uma visão muito clara do que se espera de um plano do livro-leitura e ele quer que o plano do livro-leitura produza resultados na educação, produza resultados pra sociedade, melhore a vida da comunidade, só que isso não está acontecendo, ele mesmo disse que ele tem uma angústia, uma frustração porque até agora esse plano não mostrou ainda resultados.

E | **Questões relativas a expectativas futuras envolvendo comunidade e instituição**

E1- Como analisa os impactos promovidos pelo programa PNL ou PNLL enquanto estímulo à leitura na região que ele está inserido?

No momento o plano não gerou resultados assim, ele começou mas assim, a partir do momento em que fala-se num plano, vamos mobilizar todo mundo pra criar um plano, isso já começa a

produzir resultados quando você fala que vai fazer, reúne, as pessoas começam a refletir sobre o livro e a leitura, então assim, o plano, ele produziu a necessidade do debate sobre livro e leitura, então hoje eu vejo que quase todos os municípios que tiveram contato com o tema do plano ele está angustiado, os municípios querem fazer essa discussão, mas tá faltando impulso, tá faltando estímulo do PNLL no ministério da cultura e um engajamento maior do ministério da educação dentro dessa história do plano. Até agora o ministério da educação não se envolveu nos resultados que o plano pode oferecer. Já estive conversando na Cercade quando você chega lá e fala assim “ah queria discutir leitura com vocês” ai eles falam, ah mais isso aí é com o ministério da cultura. Não é. A questão do livro e da leitura é MEC e MIC, os dois tem que pensar isso ai. E eu ainda acho que os outros ministérios também, que era o que o Galeno Amorim queria no início, queria que o ministério do desenvolvimento agrário entrasse nisso, o ministério do ambiente, todo mundo que mexe com publicações, com produção de conhecimento tem que se envolver no plano. Então, o impacto promovido por ele assim ainda é pequeno sabe? Mas ele pode crescer, eu acredito no PNLL, eu acredito que ele pode ser bom, mas ele não está sendo, ele não está produzindo resultados.

E2- Na sua avaliação, como técnico pertencente ao programa PNL ou PNLL, o que precisa ser melhorado ou alterado no contexto das políticas educacionais que envolvem a leitura e suas implicações à comunidade?

Então, aí precisa de ter um movimento nacional, a gente criar a moda da leitura no Brasil, a gente tem que apresentar os escritores para a população, nós temos que fazer com que os poetas se apresentem mais, falem mais, assim a gente precisa produzir mais literatura, eu acho que o povo gosta de consumir literatura e gosta de produzir literatura, então nós precisamos ter estímulo a criação literária, estímulo a circulação da literatura, então, você tem muitos autores que produzem coisas maravilhosas, mas que ficam restritas a uma pequena produção. E a gente precisa conhecer mais a população, o que que ela espera, o que que ela quer, o que ela precisa, o que que ela gosta. Então, muita gente gosta de contos, às vezes nem sabe que gosta, mas quando pega o conto ele apaixonou pelo conto, outro gosta do romance, eu, por exemplo, eu gosto muito de livros enormes, porque eu não quero acabar o livro, eu fico enrolando pra terminar o livro quando eu gosto muito do livro, então assim cada um tem suas preferências, o gosto e a gente precisa conhecer essas preferências e os professores são fundamentais, professores indicam literatura, mesmo que eu nunca gostei da ficha literária, mas era um meio também de você saber, quem é que escreveu, qual o ano do livro. Então assim, a gente acumulava informação e era importante também você saber em que contexto que o professor escreveu e tal... Então a gente precisa resgatar a importância da leitura no ambiente escolar. O MEC e o EFMDE, desde a época passada com o FENAI que tinha, acho que era, não sei se você lembra antigamente tinha um negócio que, a gente sempre teve livro em escola, não é de agora não, sempre teve né? Eu não lembro, é que tinha um negócio chamado assim: Fundo Nacional do Estudante e botava livro e tal, mas botava a gente pra ler o livro, a gente fazia a ficha literária, daí a gente interpretava literatura na escola, então assim a escola precisa retomar essa obrigação de trabalhar a leitura, porque às vezes era obrigação nossa, o professor tem que colocar a leitura ali, porque ele só vai descobrir que gosta de livro se ele ler. Olha, é difícil o garoto falar que gosta de livros se ele não tem o livro na mão. Então o professor precisa retomar essa obrigação dele enquanto mestre do conhecimento, enquanto mestre do saber, porque é a nossa referência. Nós temos hoje - eu até me surpreendo com isso - pesquisa de livro-leitura que diz que quem ler mais é quem a família conta história, e é estranho, eu gosto disso, mas como que a família vai contar história, vai botar um livro se a família também não estudou e nem gostou de livros? Então a escola tem que assumir o papel de

protagonismo nisso, a família e a escola, mas a escola principalmente porque é lá que você vai pesquisar, é lá que você vai fazer uma revolução na educação. Então, favorecer a pesquisa, colocar boas bibliotecas dentro da escola uma fonte ali que o menino termine a aula mas ele corra pra biblioteca pra estudar, pesquisar e tal... Então assim, os professores tem que ser aliados, e eu descobri que nesses últimos tempos as pessoas falam muito mal de professores, o Minc não é parceiro do professor, sabe? O PNLL, vou te dizer uma verdade, o PNLL do jeito que ele vem sendo ele não considera o bibliotecário e o professor como aliados. Eu já ouvi do secretário executivo do PNLL que eu era a única bibliotecária do bem e olha que ele me processou, eu tenho audiência 18/10, então imagina se eu sou a única bibliotecária que ele considerava do bem.. isso não pode, eu estou relevando isso pra você, isso é um absurdo, como é que um cara que cuida de Plano Nacional de Livro-Leitura não considera que o bibliotecário é um aliadíssimo, um aliado importante? Um professor importante, acha que o professor é careta que é isso e aquilo, o professor não tem instrumental pra trabalhar, ele tem o livro mas não tem formação, não sabe como trabalhar, hoje o professor ele tem que ver aqui pra esse problema do agente público, que tem que ficar fazendo relatório o tempo inteiro. Aí ele perdeu aquela vontade de trabalhar o livro-leitura. Então o desafio é esse, e o impacto positivo vai surgir quando os professores incentivarem a leitura e quando a família também, em segundo lugar, eu acho assim, primeiro o professor tem que voltar a assumir o papel dele. Os bibliotecários ele tem uma função muito específica, que é organizar todo esse material e deixa-lo a disposição da comunidade e também estimular que ele use os nossos livros, então a gente tem que cuidar, fazer bibliotecas bacanas, atraentes, boas, pra que as pessoas sintam vontade de entrar naquele lugar. Eu estive nos EUA visitando bibliotecas e eu fiquei muito impressionada e com muita inveja das filas, eu fiquei num engarrafamento pra entrar numa garagem de uma biblioteca, e depois, outro dia também vi fila em Paris assim, poxa, eu fiz que fila, po nunca imaginei que isso existisse, porque no Brasil isso nunca ocorreu. Você tem fila pra entrar na biblioteca, paga-se nos EUA um estacionamento caro pra você colocar na garagem da biblioteca pra você estudar, então assim, isso é uma política de estado que deu certo. O cara botou o livro, o livro é importante e todo mundo lendo, isso é um sonho. Eu acho que o Brasil falta esse compromisso, o gestor tem que querer ver isso no lugar dele, pra isso precisamos ter uma biblioteca bonita, confortável, aconchegante, com bons livros, que o poeta local, o escritor local seja valorizado, porque, olhe que emoção: você lê um livro e cruz com o cara que escreveu esse livro na sua frente, isso é uma emoção que não tem..., sabe? Vai marcar nossa vida. Você lê um livro e encontrar o escritor, então tem que botar um escritor pra conhecer, é muito legal. Eu acho que tem chance, vai demorar um pouco, mas tem chance. O PNLL é bacana, é bonito, mas precisa só chegar na ponta e conversar mais com professor, bibliotecário e com o leitor, saber o que que ele gosta e o que que ele precisa.

E3- Para concluir, quais as suas expectativas em relação ao programa PNL ou PNLL?

Olha, a minha expectativa é que surja no horizonte das autoridades alguém, que eles comecem a colocar pessoas para cuidar dessa política, pessoas que tenham compromisso com a população. De repente quem tem que cuidar disso? Um professor que vive a necessidade. O modelo atual, o esquema que foi montado no PNLL deu errado, que é botar pessoas do mercado livreiro pra cuidar do plano, até porque eles cuidaram muito bem dessa parte, eles já cumpriram o papel deles em responder ao mercado, então ó: tem uma lei do livro, que desonerou o livro, então assim, nossa eles deixam de pagar vários impostos para produzir o livro. Agora nós precisamos ter gente que cobre, como o ministro Juca falou... o ministro Juca está com muita raiva deles e eu também estou com raiva deles, o cara não baixou o preço do livro, ele parou de pagar imposto e ele não honrou o compromisso que fez com a nossa nação, com o presidente da república, com o

ministro. No dia eu estava lá, no dia da assinatura da lei, o presidente Lula falou que precisava baixar o preço do livro, o ministro Gil falou demais disso e a gente saiu de lá feliz que a gente ia encontrar livro rapidinho e barato e isso nunca aconteceu. Então, a gente precisa que o mercado.. olha o PNLL teve o Galeno Amorim a frente, teve um pouquinho a Lucília Garcez, que a Lucília foi uma querida, uma professora, que entende muito de literatura mas ela não conseguiu executar o plano por problemas de estruturas mesmo lá do MinC, pois ela entrou justamente na época que o PNLL mudou tudo lá pro Rio e depois voltou, então assim, mas a Lucília era uma pessoa fantástica pra cuidar do Plano, aí em seguida veio o Castilho de volta, e o Castilho, ele e o Galeno só pensam no mercado, eles são funcionários desse sistema e tudo bem, nós precisamos dele também, mas aí eles conseguiram cumprir o que eles fizeram. Que tinha que fazer no plano, que era baixar o custo de produção do livro e baixou imposto e foi ótimo, eles conseguiram o pedaço deles, agora precisamos cuidar do nosso, que é formar uma cadeia mediadora forte no Brasil, implantar boas bibliotecas, bons programas de pontos de leitura, que é um projetinho bacana que surgiu na gestão anterior do Castilho, que foi muito legal mas pararam, você não vê mais nenhuma ação voltada para pontos de leitura. A minha expectativa é que aproveitando o momento de ebulição da política, que alguém que sobre aí, alguém pensando livro-leitura, eu ainda não estou vendo, nem no cenário da Presidente Dilma ficar, se a presidente se mantiver no governo eu creio que a situação vai continuar ruim pro livro e pra leitura, infelizmente. O governo do PT, partido do qual eu fiz parte durante muitos anos infelizmente ele não conseguiu fazer a revolução na educação e nem na leitura, que eu tinha certeza que eles iam fazer, mas a gente não conseguiu fazer, por conta disso mesmo, priorizou mais o mercado e etc. Então a minha expectativa é que surja no horizonte das novas autoridades pessoas que possam cuidar da leitura, porque se não a gente vai continuar indo muito mal na economia, muito mal na saúde, muito mal na segurança, vamos continuar produzindo pessoas excluídas, porque de saída da exclusão social é a educação. A gente que não nasceu em berço de ouro só tem uma saída pra deixar de ser excluído, é estudar. É estudando que a gente vai conseguir um trabalhinho aqui outro ali, vai conseguir melhorar, repensar o país. Cada um de nós que consegue chegar, não sei sua condição, mas eu por exemplo que não tinha onde cair nem morta, se eu morresse ia ter que ser enterrada como indigente, não assim porque minha mãe cuidava da gente, mas mesmo assim a porta de saída é a escola, é ir estudar, é encontrar a porta da universidade, entrar e aí a gente volta pra sociedade tentando reproduzir alguma coisa pra aquele povo que a gente viveu igual, eu acho que a saída é por aí. E assim, eu to torcendo pra que nessa transição política a gente consiga dar voz, sabe? Seria ótimo se você conseguisse falar com alguém da equipe do presidente que vai entrar, pra falar o “o que que o senhor tá pensando nessa área? Porque nós temos que botar o livro-leitura na vida do povo de qualquer forma, porque é a saída para todos os problemas”. Igual tem aquela frase: Livro não muda o mundo, as pessoas que mudam o mundo, e tem que ver direito a frase.

Transcrição da entrevista - Somente após a entrevista, expor na íntegra todas as frases, perguntas e respostas, durante a entrevista.